

Economistas condenam moratória e pregam negociação

Arquivo — 6/4/86

Negociar a dívida externa com os banqueiros e o FMI é uma alternativa melhor e mais produtiva para o país do que a moratória. Esta é a convicção do economista Edmar Bacha, da PUC, que estará hoje falando no seminário organizado pelo governo do Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Imprensa e a PUC. Uma das vantagens da proposta da negociação, ao invés do confronto, na opinião de Bacha, é que a busca de um acordo definirá um "cardápio maior de opções", no qual terá de constar uma proposta brasileira para a conversão da dívida em capital de risco. "Por que nós vamos esperar que os bancos nos dêem as regras de como deve ser esta conversão?", pergunta-se Bacha.

Na mesma linha de Bacha, o ex-ministro Mario Henrique Simonsen acha que o ministro Luis Carlos Bresser Pereira tem adotado uma postura mais realista com relação à dívida. "A administração passada não adotou uma posição muito inteligente", diz Simonsen. No momento em que anunciou a suspensão total dos juros de médio e longo prazo dos bancos comerciais, o Brasil teria gastado toda a sua munição. "Assim, nos lances subsequentes só se pode ceder". Na opinião do economista, o "Brasil em cima de uma trinca de seis revolveu apostar toda a sua fortuna, o que não é necessariamente uma boa estratégia em matéria de jogo de pôquer", ensina.

Bacha e Simonsen estiveram reunidos junto com os economistas Paul Singer, Rogerio Werneck, César Maia, Francisco Lopes e o presidente do BNDES, Marcio Fortes, no *Balanço Mensal* organizado pelo JORNAL DO BRASIL. Neste debate sobre dívida externa, Paul Singer defendeu solitariamente a tese de que a "hipótese da moratória brasileira está se revelando correta". Para Singer o Brasil não parou de pagar os juros por falta de reservas, mas como uma forma de exigir mudanças no sistema financeiro Internacional. A necessidade desta reformulação está ficando cada vez mais clara para os grandes potências em consequência do agravamento da crise comercial entre o Japão e os Estados Unidos. "Se os japoneses e americanos chamarem uma nova conferência de Bretton Woods, a questão dos países superendividados estará encaixada num conjunto de desequilíbrios que terão de ser mudados".

Bacha acredita que mesmo condicionada à evolução "do que acontece no mundo exterior", o problema da dívida externa brasileira se resolverá mesmo na mesa de negociação. "A alternativa de negociar é capaz de gerar mais recursos para o país". E ele acha inclusive que, na busca desses recursos, o país deve procurar pelo Fundo Monetário Internacional, porque este é o caminho para o dinheiro novo dos bancos privados e das entidades multilaterais e governamentais.

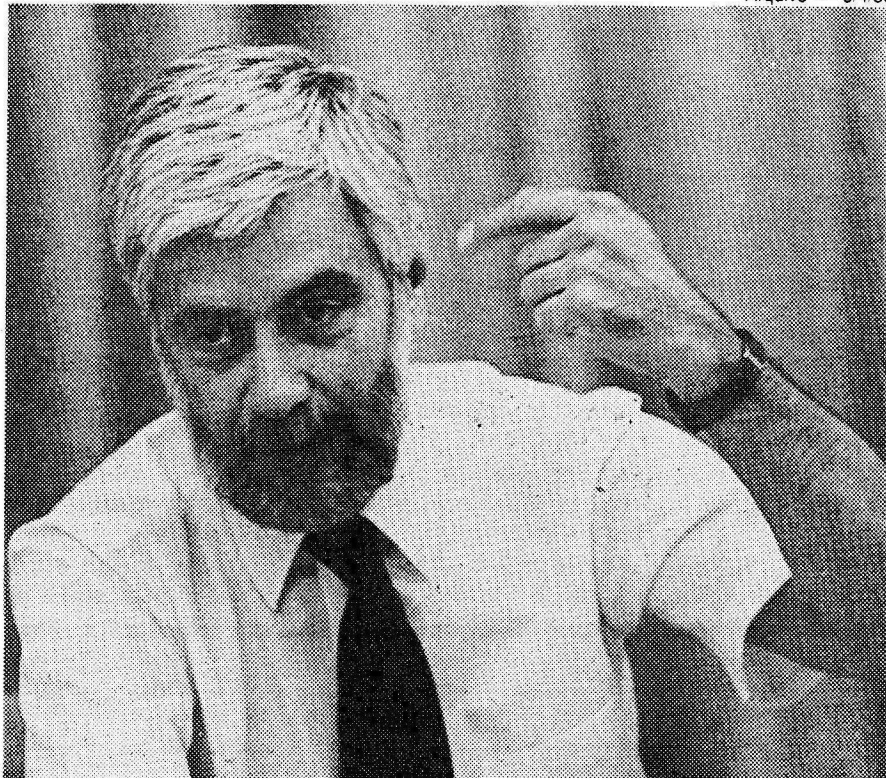
Um por um — O problema é duradouro, lembra Bacha, a moratória só ajuda a diminuir as remessas deste ano. "A negociação tem que gerar mais do que os 4,5 bilhões de dólares que o país está economizando com os juros não pagos este ano". E para chegar a este resultado o Brasil terá que desenvolver uma série de propostas aos credores. Na conversão da dívida em capital, Bacha alerta que o país precisa apresentar sua regulamentação do assunto para não ter prejuízos. "Temos que colocar isto em causa e começar a discutir. Eventualmente poderíamos converter na base do um por um desde que internalizados no país e em condições muito restritas". Do contrário o Brasil teria que exigir o desconto do deságio, só permitindo a conversão no valor efetivamente pago pelo investidor na compra dos papéis da dívida brasileira: cada dólar vale entre 60 e 70 centavos de dólar.

Werneck não tem a mesma confiança de Bacha na hipótese de conversão da dívida, como uma das fórmulas de solução. "Isto é absolutamente ilusório. Diminuir o estoque da dívida de 110 para 100 bilhões de dólares não significa nada para a economia brasileira". Por isto, Werneck defende a tese de que a conversão deve antes de mais nada buscar o objetivo de aliviar a questão cambial.

Bacha concorda com a tese e insiste em que este assunto só pode ser resolvido com o Brasil apresentando um leque de opções. A solução para o problema levantado por Werneck é dar mais incentivos para a conversão dos juros permitindo o registro do capital no país pelo valor da dívida e não o preço realmente pago pelo investidor, ou seja, no esquema um por um.

Lopes também é cético quanto à possibilidade de solução da dívida através de conversão e não acredita na teoria de Bacha de que o Brasil deve apresentar um projeto, inteiramente novo, de regulamentação de conversação. "Acho que a gente tem que parar com esse negócio de tentar ser mais esperto que todo mundo."

Simonsen preferiu concentrar suas análises nos aspectos mais gerais do problema. A partir do reconhecimento da evidência de que o Brasil vai precisar de dinheiro novo, "não temos saldos comerciais, nem imprimimos dólares", o ex-ministro acha que o governo precisa "definir um plano coerente e apresentá-lo ao FMI".



Bacha acredita que chegou a hora de o Brasil recorrer ao FMI